



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

ANDREA BATISTA DOS SANTOS

**DANÇA E AUTISMO: práticas pedagógicas em dançaterapia para a
motivação das relações sociais e interpessoais de crianças autistas**

**Belém - PA
2018**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

ANDREA BATISTA DOS SANTOS

**DANÇA E AUTISMO: práticas pedagógicas em dançaterapia para a
motivação das relações sociais e interpessoais de crianças autistas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências da Arte (ICA), Campus Universitário de Belém/Pará da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Dança, orientado pela Prof.^a Dr.^a. Simei Santos Andrade.

**Belém - PA
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Universitária da ETDUFPA, Belém-PA

Santos, Andrea Batista dos

Dança e autismo: práticas pedagógicas em dançaterapia para a motivação das relações sociais e interpessoais de crianças autistas / Andrea Batista dos Santos; orientadora Prof.^a Dr.^a Simeia Santos Andrade. 2018.

Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso Licenciatura em Dança, 2018.

1. Educação inclusiva. 2. Autismo. 3. Dança – inclusão escolar. I. Título.

CDD - 22. ed. 793.3

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

ANDREA BATISTA DOS SANTOS

DANÇA E AUTISMO: práticas pedagógicas em dançaterapia para a motivação das relações sociais e interpessoais de crianças autistas

Este trabalho foi julgado e adequado para obtenção do título de “*Licenciada em Dança*”, e aprovado na sua forma final pela Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Belém/Pará/Instituto de Ciências da Arte.

Data: 17/07/2018

Conceito: _____

Banca Examinadora

Prof^a. Dra. Simei Santos Andrade
Orientadora - ETDUFPA/ICA/UFPA

Prof^a. Dra. Maria Ana Azevedo de Oliveira
Avaliadora - ETDUFPA/ICA/UFPA

Belém - PA
2018

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste trabalho por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas, neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura: _____

Local e Data: _____

Dedico este trabalho a minha mãe, que sonhou este sonho comigo, enquanto pôde, e a minha filha, por estar presente em todas as tentativas finais para conclusão deste curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Professora Dr.^a Simei Santos Andrade por não ter permitido que eu desistisse.

A 8ª das “10 Coisas que toda criança com autismo gostaria que você soubesse”¹

8. Por favor, me ajude com interações sociais.

Parece que não quero brincar com as outras crianças no parque, mas algumas vezes simplesmente não sei como começar uma conversa ou entrar na brincadeira. Se você pode encorajar outras crianças a me convidarem a jogar futebol ou brincar com carrinhos, talvez eu fique muito feliz por ser incluído. Eu sou melhor em brincadeiras que tenham atividades com estrutura começo-meio-fim. Não sei como "LER" expressão facial, linguagem corporal ou emoções de outras pessoas. Agradeço se você me ensinar como devo responder socialmente. Exemplo: Se eu rir quando Sandra cair do escorregador não é que eu ache engraçado. É que eu não sei como agir socialmente. Ensine-me a dizer: "você está bem?".

Ellen Nottohm, tradução livre Andréa Simon

¹ O texto completo encontra-se em anexo.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo socializar os resultados de uma pesquisa bibliográfica referente às práticas pedagógicas em Dança, a fim de contribuir para as relações sociais e interpessoais de crianças autistas, na qual procurei responder a seguinte questão: De que maneira pode-se utilizar a dança como prática pedagógica para a promoção das relações sociais e interpessoais de crianças com autismo? Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa de cunho bibliográfico, a qual aborda trabalhos de pesquisadores/autores como Cornelsen (2007), Cunha (2010), Figueira (2018), Fux (1983; 1988) e Padilha (2008). Os resultados indicaram que as possibilidades de utilização da dança na educação de crianças autistas são muito promissoras, já que a criança autista necessita ser estimulada, principalmente, através da visão e é neste contato que a Dança interfere, de forma positiva, na sua interação com o outro. Através do reconhecimento de seu corpo e do corpo do outro, a criança autista passa a compreender que o contato não se deve apenas a uma forma de necessidade, mas também a algo que lhe traga felicidade, satisfação, equilíbrio emocional e várias outras manifestações sinestésicas que sua identidade autística, infelizmente, não lhe permitiria compreender sem a mediação, neste caso, da Dançaterapia.

Palavras-chave: Educação inclusiva. Autismo. Dança. Dançaterapia.

ABSTRACT

The present work aims to socialize the results of a bibliographical research concerning the pedagogical practices in Dance, in order to contribute to the social and interpersonal relationships of autistic children, in which I tried to answer the following question: How can one use dance as a pedagogical practice for the promotion of social and interpersonal relationships of children with autism? This is a qualitative bibliographical research, which addresses the work of researchers / authors such as Cornelsen (2007), Cunha (2010), Figueira (2018), Fux (1983, 1988) and Padilha (2008). The results indicated that the possibilities of using dance in the education of autistic children are very promising, since the autistic child needs to be stimulated, mainly through the vision and it is in this contact that the Dance interferes in a positive way in its interaction with the other. Through the recognition of one's body and body, the autistic child comes to understand that the contact is not only due to a form of need, but also to something that brings happiness, satisfaction, emotional balance and several other synaesthetic manifestations that his autistic identity, unfortunately, would not allow him to understand without the mediation, in this case, of Dance therapy.

Keywords: Inclusive Education; Autism; Dance; Dance therapy.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – crianças brincando a dança do jornal	31
IMAGEM 2 – crianças na brincadeira das cadeiras	32
IMAGEM 3 – crianças na brincadeira da dança da laranja	33
IMAGEM 4 - crianças na brincadeira da cabeça, ombro, joelho e pé ..	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

NEE - Necessidades Educacionais Especiais

TEA - Transtorno Espectro Autistas

TGD – Transtorno Global do Desenvolvimento

ABA - Análise Comportamental Aplicado em Crianças Com Autismo

TEACCH² - Tratamento e Educação Para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados com a Comunicação

SCERTS³ - Comunicação Social, Regulação Emocional e Apoio Transacional

ASD - Autism Spectrum Disorder

NE – Necessidades Especiais

² Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children

³ Social Communication, Emotional Regulation and Transactional Support

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. CONHECENDO MELHOR O AUTISMO	16
2.1 Histórico da construção do conceito de autismo	16
2.2 Metodologias de Diagnóstico e Intervenção	18
2.3 Intervenção Pedagógica para Promover a Socialização de Autistas	22
3. DANÇA: práticas pedagógicas na educação de autistas	26
3.1 Experiências das autoras que serviram de embasamento teórico, Dança e Crianças Autistas	27
3.2 Práticas pedagógicas para se Trabalhar a Dança com Crianças ...	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	39

1. INTRODUÇÃO

As instituições de ensino regular no Brasil são orientadas, por leis, a matricular as crianças com necessidades especiais. Desse modo, a Constituição Federal de 1988 estabelece no capítulo III, seção I, art. 205, que: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade...”. No artigo 208, inciso III, reassegura: “(...) atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Seguindo os princípios assegurados na Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 9.394/96), institui que: Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Acatando, portanto, o conceito de Educação Especial descrito pelas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Art. 3º da Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001, a qual define esta modalidade de ensino como um processo educacional regido por uma proposta pedagógica apoiada por recursos e serviços educacionais especiais que assegurem o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais.

Porém, é sabido que nem todas as escolas públicas brasileiras possuem estrutura adequada para garantir a inclusão efetiva dos que portam Necessidades Educacionais Especiais (NEE). Mesmo assim, a escola de ensino regular deve ajustar o seu fazer pedagógico às especificidades dos alunos, priorizando-as, com a intenção de fazer-se real a chamada ESCOLA PARA TODOS. Logo, os sistemas educacionais devem modificar suas atitudes em relação a esses alunos de modo que deem conta dessas necessidades.

Uma das alternativas que visa promover o acolhimento dessas crianças com necessidades especiais ao ambiente escolar tem sido a utilização da Dança como prática pedagógica, em específico, a Dançaterapia. Dessa forma, este trabalho visa apresentar uma pesquisa bibliográfica direcionada à utilização da Dança com os alunos portadores de NEE e responder à seguinte questão: De que maneira pode-se

utilizar a dança como prática pedagógica para a promoção das relações sociais e interpessoais de crianças com autismo? Tendo como público-alvo os portadores do chamado Transtorno Espectro Autistas (TEA) que, se define como sendo:

Uma síndrome comportamental com etiologias diferentes, na qual o processo de desenvolvimento infantil encontra-se profundamente distorcido. [...] caracterizada por um déficit na interação social visualizado pela inabilidade de relacionamento com outras pessoas, combinando com déficits de linguagem e alterações de comportamento¹ (GILLBERG, 1990, p. 99-119).

Consequentemente é necessário estimular o desenvolvimento interpessoal, social e intelectual da criança autista, levando-se em conta, como já mencionado, as suas especificidades. Isto posto, uma maneira de se trabalhar com um indivíduo autista é por intermédio da Dança, pois, como graduanda do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Pará (UFPA), concordo que esta área de conhecimento pode representar uma simulação de relação social, na medida em que os corpos interagem e reagem, conseguindo sentir suas diferenças e/ou características. Neste sentido, a Dançaterapia pode ser um importante método para ajudá-los a desenvolver tanto o seu potencial intelectual quanto a sua socialização. O que se necessita saber é como fazê-lo.

Assim sendo, para que este desenvolvimento educacional se dê de maneira mais eficaz, em relação à sociabilização dessas crianças, este trabalho busca também apresentar alguns modos de estimular sua criatividade intelectual, de modo a torná-la facilitadora das aprendizagens que derivam tanto dos meios escolar quanto social, dos quais fazem parte.

¹O conceito sobre autismo será aprofundado na 1 Seção deste trabalho.

2. CONHECENDO MELHOR O AUTISMO

2.1 Histórico da Construção do Conceito de Autismo

De acordo com o Ministério da Educação (MEC, 2010, p. 13) e o Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM, 2013, p 97), o Autismo é considerado um Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), assim como a chamada Síndrome de Asperger, que foi tratada por muitos anos como um **tipo** (grifos meus) de Autismo, é hoje conhecida como uma Síndrome diferenciada.

O TGD não diz respeito apenas ao Autismo. Sob essa classificação se descrevem diferentes transtornos que tem em comum as funções do desenvolvimento afetadas qualitativamente. São eles: Autismo; Síndrome de Rett; Transtorno ou Síndrome de Asperger; Transtorno Desintegrativo da Infância; Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação (JUNIOR; CUNHA, 2010, p. 13; MEC – 2010).

Buscando a construção de um conceito mais claro sobre o autismo somos instigados a pesquisar o que dizem vários autores que se dedicam ao seu estudo. A 1ª denominação foi definida por Kanner (*apud* ASSUMPÇÃO, 1995, p. 7)

As crianças autistas apresentam um alheamento extremo já no início de suas vidas, não respondendo aos estímulos externos e vivendo “fora do mundo”, além de manter uma relação “inteligente” com os objetos que não altera seu isolamento.

De acordo com Kuperstein (2005), a expressão *Autismo* vem do grego “autós” (de si mesmo) e foi introduzida em 1906 na Psiquiatria por Plouller. Porém, foi Bleuller quem disseminou o termo, em 1911, referindo-se a esquizofrenia (limitação das relações humanas e com o mundo externo). Mais tarde, em 1943, Leo Kanner, psiquiatra americano, descreveu um grupo de 11 casos clínicos de crianças em sua obra “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, as quais apresentavam como sintomas característicos deste transtorno o extremo isolamento desde o início da vida, a falta de comunicação e a ansiedade obsessiva pela rotina.

No ano seguinte, Hans Asperger, pediatra austríaco, descreveu crianças com inabilidades de relacionamento com outras pessoas e situações que lhes exigiam certa autonomia, denominando esta condição de “Psicopatia Autística”. Apesar delas

se assemelharem com as de Kanner, manifestaram diferenças: linguagem bem preservada e aparentemente mais inteligentes. Esse artigo só pôde ser lido em inglês em 1981 (KUPERSTEIN, 2005).

Kanner acreditava que o Autismo era causado por um distúrbio do contato afetivo, ou seja, os pais seriam os maiores responsáveis, por serem altamente intelectualizados e frios emocionalmente, com pouco interesse no desenvolvimento sócio-afetivo de seus filhos. Esse conceito, com a evolução das pesquisas científicas, mostrou-se incorreto. Hoje, acredita-se que o Autismo é um distúrbio do desenvolvimento humano (KUPERSTEIN, 2005), consolidando a idéia que trata-se de um TGD.

É importante evidenciar que, em 1976, Lorna Wing afirmou que esses indivíduos apresentam deficiências específicas em três áreas, as quais chamou de Tríade de Wing: imaginação, socialização e comunicação (KUPERSTEIN, 2005). Nessa continuidade, Junior e Cunha (2010) salientam que

Em 1979, estudos de Wing e Gould deram origem ao conceito de Espectro Autista. Ao estudarem a incidência de dificuldades na reciprocidade social, perceberam que as crianças afetadas por essas dificuldades também apresentavam os sintomas principais do Autismo. A incidência foi praticamente cinco vezes maior do que a incidência nuclear do Autismo. Portanto, são crianças afetadas por dificuldades na reciprocidade social, na comunicação e por um padrão restrito de conduta, sem que sejam autistas, propriamente ditas [...] (JUNIOR; CUNHA, 2010; p. 17).

Já de acordo com Bleuller (*apud* ASSUMPÇÃO, 1995, p. 34): “Autismo é o afastamento da realidade com predominância a vida interior”, enquanto que na visão de Ávila (2000), “autismo é uma defesa contra o excesso de estimulação não mediada pela mãe e, portanto, contra a confusão e a desintegração”.

Temos ainda o conceito elaborado por José e Coelho (1993) que o definem como uma interiorização intensa - uma espécie de fechamento sobre si mesmo - e por um pensamento desligado do real. Traz suas características mais comuns: fascinação por objetos em contraste com o desinteresse pelas pessoas; arruma seus brinquedos sempre na mesma ordem; possui excelente memória; é inteligente e bonita de aparência. Já Mello (2000) conceitua autismo como “alterações comportamentais presentes desde idades muito precoces, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação”.

Sobre as classificações, tem-se a da Teoria Afetiva elaborada por Hobson (apud Baron-Cohen, 1988), para esclarecer tal fenômeno, Kanner foi quem a propôs em 1943, porém, foi a versão de Hobson a mais esclarecedora, sintetizada através dos enunciados a seguir:

A - Essas crianças apresentam falhas constitucionais de componentes de ação e reação necessários para o desenvolvimento das relações pessoais, afetivas.

B - Essas relações são necessárias para constituir seu próprio mundo e com os outros.

C - Em se tratando de déficits, há dois resultados extremamente importantes na participação dessas crianças em experiências sociais intersubjetivas: déficit relativo no reconhecimento de outras pessoas como portadoras de sentimentos próprios, pensamentos, desejos, intenções; déficit severo na capacidade para abstrair, sentir e pensar simbolicamente.

D - A maioria das inabilidades de cognição e linguagem de autistas pode refletir déficits com mínima relação com o desenvolvimento afetivo e social.

A segunda classificação é a da Teoria Cognitiva (Assumpção apud Baron e Cohen, 1995) que, assim como a Teoria Afetiva, considera que a dificuldade central da criança autista é a impossibilidade de compreender estados mentais de outras pessoas. Sugere que a capacidade de meta-representações² se encontra alterada, fazendo com que os padrões de interação social sejam distorcidos.

2.2 - Metodologias de Diagnóstico e Intervenção

De acordo com pesquisadores da área clínica referente ao Autismo, como o cientista Drauzio Varella³ e a psiquiatra Isabel AS Bordin⁴, um diagnóstico realizado enquanto o portador ainda é uma criança é o melhor a ser feito para que o tratamento desta tenha sucesso. Por este motivo, expomos também nesta subseção alguns desses diagnósticos.

O diagnóstico segundo Kanner (apud LEBOYER, 1987) em “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo” nos diz que as crianças apresentam inaptidão para

² Capacidade de diferenciar o real do faz-de-conta, sem necessitar mais da presença do objeto para representá-lo.

³ médico oncologista, cientista e escritor.

⁴ Departamento de Psiquiatria, Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina (Unifesp/EPM).

estabelecer relações normais com o outro; atraso na aquisição da linguagem; ao desenvolver-se, incapacidade de dar a linguagem um valor comunicativo; apresentam, igualmente, estereotípias gestuais; necessidade de manter imutável seu ambiente material; aparência física normal; distúrbio inato (desde o início da vida).

Já em seu trabalho conjunto com Leon Eisenberg, Kanner afirma que a Síndrome pode se revelar, após um desenvolvimento aparentemente normal, primeiro ou segundo ano de vida e que as crianças apresentam inaptidão em manter relações normais com as pessoas, de onde deriva seu afastamento social (LEBOYER, 1987).

Na visão de Bleuller (*apud* LEBOYER, 1987), há um retraimento ativo no imaginário; em primeira instância, o retraimento se dá fora das relações sociais; em segundo lugar, esse retraimento implica em uma vida imaginária rica (ao contrário do que afirma Kanner); há uma ligação dessa debilidade mental com a esquizofrenia dos adultos (psicose caracterizada pela incapacidade de coordenar as ideias).

Quanto aos métodos de intervenção podemos descrever aqui:

A - ABA (ANÁLISE COMPORTAMENTAL APLICADO EM CRIANÇAS COM AUTISMO)

A terapia ABA diferencia-se das outras metodologias por ser significativamente mais eficaz. Vários estudos indicam que mais de 50% das crianças conseguem adquirir um comportamento adaptado (não distinguível das outras crianças). É também, atualmente, a metodologia com maior base científica. A terapia é muito intensiva (20/40 horas semanais) sendo aplicada no ambiente natural da criança – em casa, na escola e outros espaços, com três a quatro terapeutas e um terapeuta líder por criança, com participação ativa dos pais.

ABA, *Applied Behaviour Analysis*, ou Análise Comportamental Aplicada, ou ainda Análise do Comportamento Aplicada (como é mais conhecida no Brasil) é uma abordagem da psicologia comportamental que foi adaptada e aplicada ao ensino de crianças com Autismo. É também referida pela tradução Análise Aplicada do Comportamento ou ainda como Intervenção Comportamental Intensiva (IBI, na sigla em inglês). Baseia-se nos princípios de reforço positivo, solicitações graduais, repetição e a divisão das tarefas em pequenas partes, ensinadas inicialmente em separado. O programa é feito muitas vezes em casa. Estudos mostram que crianças que recebem intervenção comportamental em geral, obtiveram ganhos significativos. Em um programa ABA de qualidade, procedimentos de modificação de comportamento são claramente especificados. As instruções e dicas

(*prompts*), reforçadores ("recompensas") e materiais que são usados para desenvolver cada habilidade são determinados individualmente para cada aluno. (WIKIPEDIA – ACA, 2017)

B – TEACCH⁵ (TRATAMENTO E EDUCAÇÃO PARA AUTISTAS E CRIANÇAS COM DÉFICITS RELACIONADOS COM A COMUNICAÇÃO)

De acordo com os estudos de Monte e Santos (2004), é um programa educacional e clínico com uma prática predominantemente psicopedagógica criado a partir de um projeto de pesquisa que buscou observar profundamente os comportamentos das crianças autistas em diferentes situações e frente a diferentes estímulos. As pesquisas do Dr. Schopler apontam algumas conclusões relativas às crianças autistas. Em primeiro lugar, o autista é vítima de uma síndrome, e muitos dos seus distúrbios de comportamento podem ser modificados à medida que ele consegue expressar-se e entender o que se espera dele. Outro dado importante é que as crianças autistas são mais responsivas às situações dirigidas que às livres e também respondem mais consistentemente aos estímulos visuais que aos estímulos auditivos.

C - SCERTS⁶ (Comunicação Social, Regulação Emocional e Apoio Transacional)

É uma abordagem abrangente e multidisciplinar para melhorar as habilidades de comunicação e sócio-emocionais de indivíduos com distúrbios do espectro autista (ASD - Autism Spectrum Disorder). A sigla SCERTS se refere à Comunicação Social, Regulação Emocional e Apoio Transacional, que acreditamos devem ser as dimensões básicas do desenvolvimento objetivadas em um programa delineado para apoiar o desenvolvimento de indivíduos com ASD e suas famílias. O esquema foi desenvolvido visando objetivos prioritários na comunicação social e na regulação emocional através da implementação de apoios transacionais (por exemplo, apoio interpessoal, apoios de aprendizado), ao longo das atividades diárias da criança e

⁵ Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children

⁶ Social Communication, Emotional Regulation and Transactional Support

entre parceiros, para facilitar a competência dentro destas áreas identificadas como objetivos.

D - SON-RISE

Este revolucionário método foi criado por pais para ser utilizado por pais e profissionais que lidam com crianças autistas, ensinando-os a criar e implementar programas centrados na criança e desenvolvidos dentro do lar. O Programa Son-Rise acredita que os pais são os maiores aliados da criança. É ensinado aos pais como utilizar técnicas e ferramentas educacionais e atitudinais que os ajudem a ser os educadores mais efetivos que as crianças possam ter, possibilitando que suas crianças se aperfeiçoem em todas as áreas da aprendizagem, desenvolvimento, comunicação e aquisição de habilidades.

No início da década de 1970, nos EUA, o casal Barry e Samahria Kaufman ouviu dos especialistas que não havia esperança de recuperação para seu filho Raun, diagnosticado com autismo severo e um QI abaixo de 40. Eles decidiram, porém, acreditar na ilimitada capacidade humana para a cura e o crescimento, e puseram-se à procura de uma maneira de aproximar-se de Raun. Foi a partir da experimentação intuitiva e amorosa com Raun, há cerca de 30 anos, que Barry e Samahria desenvolveram o programa Son-Rise: é um programa para tratamento de crianças com Autismo ou outras dificuldades de desenvolvimento similares, com uma abordagem relacional, onde a relação interpessoal é valorizada. O programa não é um conjunto de técnicas e estratégias a serem utilizadas com uma criança, mas um estilo de se **interagir** (grifos meus), uma maneira de se relacionar que inspira a participação espontânea em relacionamentos sociais. A idéia é que os pais aprendam a interagir de forma prazerosa, divertida e entusiasmada com a criança, encorajando então altos níveis de desenvolvimento social, emocional e cognitivo (WIKIPEDIA - SON-RISE, 2017).

E - CURRÍCULO FUNCIONAL NATURAL

Constitui-se em um instrumento orientador de uma educação para a vida. A nível formal, o Currículo Funcional Natural tem por base uma filosofia direcionada para a educação do aluno, que se fundamenta na crença de que o potencial de aprendizagem é igual em todos. É constituída por alguns pontos-chave que promovem a autoestima, a socialização e os afetos tendo sempre em vista a autonomia dos alunos.

2.3- Intervenção Pedagógica para Promover a Socialização de Autistas

Como vimos, os sistemas educacionais devem elaborar suas políticas públicas a partir do princípio da inclusão e as escolas precisam modificar suas atitudes em relação a esses alunos de modo que deem conta do desafio de assegurar a todos, indistintamente o direito à aprendizagem escolar.

Sendo assim, a escola precisa se reinventar, no sentido de atualizar seus métodos de ensino, interagir com a sociedade, tendo como função primordial o trabalho em conjunto com as famílias de seus alunos, especialmente daqueles com necessidades físicas e/ou intelectuais, onde se incluem os alunos com Autismo.

A escola ou qualquer instituição educacional precisa conhecer melhor os limites e as potencialidades de cada criança, com intuito de saber suas dificuldades, investigar suas personalidades e, principalmente, de promover uma melhor atuação educacional, atualizando sua prática às novas exigências determinadas pela legislação brasileira. Para que esses alunos possam ser inseridos de fato em turmas regulares e possam deixar de frequentar parcialmente esta e as turmas de educação especial, que, por muitas vezes, em diversas escolas brasileiras, apenas serve de suporte para a educação destes e não como um meio interativo entre os alunos chamados especiais e a turma que possa frequentar, isto é, o ensino regular e as chamadas salas multifuncionais devem trabalhar como se fossem uma e não de forma fragmentada, mostrando que o ensino destes pode ser acompanhado no mesmo nível que os outros.

Por sua vez, Serra (2008) objetivou analisar o processo de inclusão de alunos com Autismo em duas escolas públicas de dois municípios da Baixada Fluminense, além do seu trabalho desenvolvido na Secretaria Municipal de Educação, buscando utilizar a educação como técnica para o alcance dos objetivos educacionais dessas crianças e adquirir as habilidades básicas de desenvolvimento, especialmente habilidades de comunicação e autonomia as quais, respectivamente, resultaram no seguinte relato:

a inclusão educacional para os alunos autistas ainda é tímida e ineficiente, apesar dos discursos inclusivos que permeiam os meios escolares e os principais documentos e legislações que fundamentam as práticas pedagógicas. A intolerância, o estranhamento e a exclusão são presentes na maioria das relações interpessoais com indivíduos autistas e familiares e que os processos de inclusão sem a formulação

de políticas públicas e de adaptações de pequeno e grande porte, têm sido a pior das exclusões, já que nem todo autista pode ser incluído (SERRA, 2008, p. 6).

Sendo assim, de acordo com a autora, “os autistas sempre existiram, mas a falta de informação impedia o reconhecimento desses alunos que eram tratados como portadores de deficiência mental”, justamente a importância de se ter um diagnóstico preciso devido as semelhanças das características dessas crianças, autistas e deficientes mentais.

Há pouca evidência de sucesso na proposta de igualdade e direito à educação para todos que suporte tal definição de inclusão para alunos com Autismo, já que estes não obtêm sucesso em condições não adaptadas as suas características, não aprendem sem o devido suporte. Na maioria dos casos as habilidades das crianças portadoras do autismo, ressaltadas por Serra (2008), relacionam-se principalmente a memória visual, estabelecimento de relações lógico-matemáticas e ao seguimento e manutenção de regras e rotinas.

Nesse sentido, ocorre a dificuldade de uma aprendizagem em conjunto, é por este motivo que muitos dos autores pesquisados trabalham, no máximo, com dois indivíduos com autismo, já que é necessário um minucioso diagnóstico para que se verifique suas características e o que pode, por ventura, lhes chamar atenção e conseguir desenvolver-lhes um modo de aprendizagem específico.

É por este motivo, também, por causa dessa grande dificuldade relacionada ao diagnóstico dessas crianças à sua aprendizagem que concordamos com Serra (2008) ao sugerir que há necessidade de uma ampliação nas pesquisas nesse campo de atuação. Sem a ajuda de profissionais da área da saúde, como já constatado pela autora, complica ainda mais a forma de ensino para essas crianças. Serra (2008) aponta ainda a necessidade da reformulação das políticas públicas de educação e saúde para que a inclusão com significado de socialização, aprendizagem e desenvolvimento ocorra na grande maioria das escolas e que os alunos portadores de necessidades especiais tenham sua permanência ao acesso à educação.

Para conseguir responder à questão proposta, em primeira instância, pesquisei, além dos já mencionados, trabalhos como os que estão expostos a seguir, seus objetivos e suas conclusões, ou suas propostas para a melhoria da Educação Inclusiva.

Monte e Santos (2004), esclarecem e orientam o professor, capacitando-o para as questões educacionais individuais de crianças com autismo, tornando possível seu aprendizado e sua convivência na escola, baseiam-se no método TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children – Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Problemas de Comunicação Correlatos) e afirmam que o sistema de ensino deve se transformar para realizar uma educação inclusiva, que responda a diversidade dos alunos sem discriminação.

Rocha (1997), em sua obra, tem o mérito de encaminhar a sua investigação às respostas para: afinal de contas, o que é a linguagem? Além disso, o que é sujeito, para que o autismo, como modalidade do humano, seja algo da ordem do possível? Supondo que existe linguagem e sujeito no mundo autista.

Dessa forma, em um primeiro momento, podemos entender que a educação, não somente para autistas, como também para crianças com outras características específicas, ainda não está verdadeiramente implantada. O que se tem, na verdade, é uma tentativa de inclusão por meio de projetos, elaboração de jogos que envolvam estudos que orientam, principalmente, os profissionais da educação em geral. Em geral, pois tratamos aqui não apenas de professores, mas também de psicólogos, pedagogos, neurologistas, fonoaudiólogos, etc.

Uma das iniciativas que visam promover o acolhimento dessas crianças com necessidades especiais ao ambiente escolar trata-se da humanização, proporcionando ao estudante a possibilidade de reconhecer em si o seu papel na sociedade, conseqüentemente torná-lo consciente do pertencimento ao mundo em que vive e livre para transformar a realidade a sua volta. Desse modo, em uma relação social e interpessoal deve-se apresentar um espaço de alegria, semelhante a alegria de um jogo, isto é, que reuni obrigatoriamente duas regras: a liberdade da ação e uma atenção permanente.

Para que esta consciência de humanização aconteça de fato, uma área de conhecimento que se mostra eficaz é a utilização da Dança como prática pedagógica. Dessa forma, verifica-se a importância do desenvolvimento das relações sociais e interpessoais dessas crianças, sendo entendidas neste trabalho, respectivamente, como:

[...] conduta de múltiplos agentes que se orientam reciprocamente em conformidade com um conteúdo específico do próprio sentido das suas ações. ... a conduta de cada qual entre múltiplos agentes envolvidos (que tanto podem ser apenas dois e em presença diretas quanto um grande número e sem contato direto entre si no momento da ação) orienta-se por um conteúdo de sentido reciprocamente compartilhado (COHN, 1997, p. 30).

[...] são todos os contatos entre pessoas. Nesse âmbito encontra-se um infindável número de variáveis como: sujeitos, circunstâncias, espaços, local, cultura, desenvolvimento tecnológico, educação e época (BLOG NOLIMITE, 2012).

Sobre a possibilidade de aplicação da Dança e suas práticas pedagógicas eficazes na socialização de crianças autistas, será discutida de forma mais cuidadosa na seção seguinte.

3. Dança: Práticas pedagógicas na educação de autistas

Os potenciais adormecidos no corpo se transformam quando ele, ao mover-se, se expressa numa linguagem não-verbal, que vai produzindo, ostensivamente, mudanças positivas, não apenas corporais, mas também psíquicas.

(FUX, 1982, p. 10)

Das várias definições já explicitadas sobre Autismo, verificamos o quão necessário é estimular o desenvolvimento interpessoal, social e intelectual da criança autista, levando-se em conta, como já mencionado, as suas especificidades. Nesta perspectiva, uma maneira de se trabalhar com um indivíduo autista é por intermédio da Dança, pois, de acordo com as pesquisas de Cunha (2010), a Dançaterapia, em específico,

Tem vindo a ser considerada por muitos investigadores o método ideal para uma intervenção positiva junto de crianças portadoras deste transtorno, revelando-se um meio facilitador de comunicação e integração, que permite estabelecer um maior contato com o próprio corpo e com os seus limites, procurando estimular o movimento criativo e a espontaneidade de cada um, proporcionando-lhes confiança, de forma a assumir atitudes mais positivas, desenvolvendo a autoestima (CUNHA, 2010, p. 6).

Poucos foram os trabalhos que investigaram os efeitos da Dança em relação ao desenvolvimento social destes alunos, de modo que esta, com as adaptações necessárias, fosse bem-sucedida. Neste caso, vale destacar os trabalhos de Cornelsen (2007), Cunha (2010), Figueira (2018), Fux (1983; 1988) e Padilha (2008).

As pesquisadoras apresentadas no parágrafo acima propuseram modos de se utilizar a Dança com o objetivo de desenvolver a educação social de alunos com Autismo, entre outros portadores de outras deficiências tanto físicas quanto psicológicas, facilitando e estimulando a aprendizagem desses sujeitos.

Desse modo, utilizar a Dança como prática pedagógica para as relações sociais e interpessoais de alunos com autismo, e ao mesmo tempo ter a possibilidade de estimular sua criatividade intelectual, de modo a torná-la facilitadora das

aprendizagens que derivam tanto dos meios escolar quanto social, dos quais fazem parte.

3.1 - Experiências, das autoras que serviram de embasamento teórico, com Dança e Crianças Autistas

Cornelsen (2007) analisou como a Psicomotricidade Relacional⁷ cria um elo de comunicação com um aluno autista promovendo a sua interação com o outro, isto é, a autora baseou-se na relação do homem com seu corpo, estudando o corpo do indivíduo em movimento refletindo sobre como este corpo pode se relacionar com outros, ou ainda, de que forma esta movimentação corporal interfere nas relações sociais e interpessoais do mesmo. Sendo assim, fundamentando-se na Psicomotricidade Relacional, e com a utilização de objetos muito requeridos em tal área, como bolas, de tamanhos variados, e peças confeccionadas com materiais de texturas diversificadas, Cornelsen (2007) conseguiu inferir que, uma criança autista tem condições de se relacionar socialmente, porém, este processo de socialização depende de um trabalho em parceria com toda a comunidade escolar, pois é extremamente necessário ter consciência do diagnóstico proveniente do nível de transtorno carregado por esta criança como é evidenciado a seguir:

A partir do relacionamento corporal e afetivo cria-se um elo de comunicação com o aluno autista e isto pode promover a sua interação com o outro e com os objetos, facilitando a sua inclusão no ensino regular. Através das observações feitas ao longo deste trabalho, constatou-se com maior convicção que o diagnóstico que a criança autista possui não é um “ponto final”, mas caracteriza a certeza de que é possível interferir e contribuir para o seu desenvolvimento, de acordo com suas possibilidades e limitações (CORNELSEN, 2007, p. 176).

Cunha (2010), por sua vez, baseia-se na Dança como meio de comunicação para autistas, porém com a diferença de que especifica a chamada Dançaterapia. Dessa forma, a autora utiliza a Dança como aporte metodológico. Em suas palavras:

Tendo vindo a ser considerada por muitos investigadores o método ideal para a intervenção positiva junto de crianças portadoras da

⁷ Prática educativa, de valor preventivo e terapêutico, que permite crianças, adolescentes e adultos, expressarem seus conflitos **relacionais**, superando-os através do brincar, do jogo simbólico. Foi criada por André Lapierre, educador francês, na década de setenta.

síndrome do autismo, a Dançaterapia, revela-se um meio facilitador de comunicação e interação, que permite estabelecer um maior contato com o próprio corpo e os seus limites, procurando estimular o movimento criativo e a espontaneidade de cada um, proporcionando-lhes confiança, de forma a assumir atitudes mais positivas, desenvolvendo a autoestima (CUNHA, 2010, p. 5).

Já Figueira (2018), afirma a existência de um corpo que fala e que “é nele que as significações não verbais ganham ênfase na educação, sobretudo na especial” (p. 1). Desse modo, acredita que, devido à limitação verbal que apresenta o autista, possa ocorrer uma compensação na expressividade deste pelo movimento de seu corpo. Assim, conclui que o corpo pode sim ser inserido numa disciplina educativa ao invés de atividades meramente recreativas, isto é, o corpo pode ser trabalhado de diversas formas, uma delas por intermédio da Dança, de maneira que não se torne um objeto ilustrativo, usado apenas para as horas de lazer, como infelizmente ainda ocorre na maioria das aulas de Educação Física, mas sim, que seja uma forma concreta de expressão ao ponto de crianças portadoras do TGD conseguirem manter relações sociais com outrem como afirmar no excerto: “É preciso estimular o que o autista tem para nos mostrar através de sua linguagem corporal, prestando atenção à maneira de se mover, de relacionar-se com o mundo através de sua linguagem corporal” (FIGUEIRA, 2018, p. 9).

Fux (1983, p. 115), desenvolveu seu trabalho direcionado, em especial, às crianças com deficiência auditiva, porém, no capítulo 16 de sua obra “Dança, Experiência de Vida”, relata a experiência da Dançaterapia com algumas Perturbações de Personalidade, além de descrever minuciosamente as dificuldades que teve para pôr em prática sua ideia de utilizar a Dança como ajuda profilática terapêutica (isto é, com o intuito de “prevenir” maiores alterações comportamentais-emocionais, em autistas, e físicas em crianças surdas). O interessante deste relato é a pergunta que Fux faz a si: sendo portadores de paralisia cerebral, “como integrá-los?” (FUX, 1983; p. 116), sobre esta indagação afirma que:

É difícil as vezes expressar com palavras o que fazemos através de nossas manifestações de movimentos e formas. Talvez resistamos ao escrever o que já dissemos com outra linguagem; quer dizer, custa muito repetir oralmente um sentimento muito profundo que já expressamos com ritmo e forma (FUX, 1983, p. 109).

[...] A resposta ou o mecanismo para esta busca [...] consiste na aceitação frente ao grupo do que individualmente cada um de nós tem como fatores regressivos. Acrescentam-se assim as possibilidades de ir ao encontro dessa parte sadia subjacente que há dentro de qualquer ser, mesmo nos casos-limite (FUX, 1983, p. 122).

Em seu outro trabalho, Fux (1988), após as experiências com a Dança como recurso terapêutico, confirmou-se sua teoria: a Dança poderia sim, ou melhor, já estava sendo usada como um tipo de terapia, daí surge o termo Dançaterapia, graças aos trabalhos dessa autora-pesquisadora-dançarina brilhante com crianças com necessidades especiais. Neste trabalho, ainda direcionado aos indivíduos com deficiência auditiva, tentou fazê-lo com uma menina portadora do TEA, que chama de Ana, falhou. Porém, explica em sua obra que isso pode ter ocorrido devido esta ser surda, além de sua pouca experiência com crianças autistas. O que nos leva, agora a problemática de, talvez, não ser possível ou não foram encontrados trabalhos que descrevam, trabalhar a Dança com crianças autistas surdas e/ou cegas, já que esta última característica é o principal meio de comunicação, além do tato, é claro, quando esta passa a ter confiança em um próximo⁸. Sobre esta hipótese, Fux (1988) entende que:

[...] não é útil encarar um trabalho unilateral com crianças como Ana. É imprescindível trabalhar em equipe, com profissionais que contribuam com conhecimentos científicos sobre os diferentes aspectos da doença, para que se desenvolva entre todos uma terapia realmente positiva (FUX, 1988, p. 74).

A Dançaterapia pode ser uma contribuição importante, com a condição de que se integre ao trabalho desses grupos interdisciplinares [...] (FUX, 1988, p. 75).

E por fim, Padilha (2008) optou por trabalhar a música como recurso terapêutico para crianças com Autismo, porém, verificou ao longo de sua pesquisa que esta está intimamente ligada à Dança, de modo que ambas formam um único meio de impulsionalidade para fazer crescer nessas crianças o sentimento de

⁸ Estas informações finais foram adquiridas com pesquisas anteriores sobre o transtorno em questão para elaboração do meu TCC de Licenciatura em Matemática/UEPA.

intimidade com o outro, ou seja, adicionar relações a vida destas, já que até então mantém uma relação de “afeto” principalmente com objetos.

Portanto, percebe-se que a Dança pode ser utilizada também como uma forma de direcionar a atenção dos indivíduos autistas a algo mais concreto do que imaginam ser uma relação social. Com o uso da Dançaterapia, podemos tentar direcionar seu íntimo a algo mais saudável que se comunicar com objetos; quem sabe torná-los um pouco independentes daqueles nos quais confiam, ao extremo de fazer destes, seu corpo-objeto⁹; esse recurso pode colaborar não somente para sua cognição como também para sua inserção ao meio social. Porém, vale ressaltar que estes, assim como outros portadores de NEE, necessitam de uma metodologia específica para desenvolver a aprendizagem.

3.2 Práticas pedagógicas para se Trabalhar a Dança com Crianças

É no convívio com os outros na escola regular, que o portador de necessidades especiais encontrará desafios e meios e tentará solucioná-los. Neste processo, cabe ao professor e a escola, reconhecer as diferenças. Havendo o reconhecimento de tais, supõe-se que é preciso trabalhar respeitando-as e promovendo um trabalho diferenciado.

Além das experiências relatadas das autoras e suas metodologias na prática com a Dançaterapia para estimular a inclusão de crianças com NEE no mundo exterior, outras práticas pedagógicas foram pesquisados e serão agora expostos e ilustrados a seguir.

A) DANÇA DO JORNAL

Alunos participantes organizados lado a lado. Perto de cada aluno será colocada uma folha de jornal. Dado um sinal (pode-se colocar uma música), todos os alunos dançarão sobre a folha de jornal e não vale sair de cima do jornal e nem o

⁹ Utilizamos este termo nos estudos da Dança para definir uma pessoa que usufrui de movimentos que a torna como um objeto, ao invés de usuário do seu corpo. No caso da criança autista, necessita de uma pessoa, geralmente um adulto em quem confia, para, na maioria dos casos, lhe buscar coisas por exemplo. Sendo assim, este adulto passa a ser seu objeto e não alguém de fato.

rasgar. Os movimentos com os pés deverão ser variados; ora crianças pularão, ora dançarão etc., de acordo com a criatividade de cada um. Vence quem cumprir o objetivo de não rasgar o jornal.

Uma maneira de incrementar a atividade é variar os ritmos musicais tocando músicas mais lentas e outras mais agitadas. Também pode ser realizada em dupla. Alguns alunos podem não toparam dançar por timidez, então podemos convidá-los para serem juízes com o professor e observar se os colegas não infringem as regras.

Imagem 1 – Crianças brincando a dança do jornal.



Fonte: PORTAL DO PROFESSOR, 2015.

Caso isto possa ocorrer com vários alunos, inicie a atividade da seguinte forma: quando eu colocar a música, vocês deverão ficar saltando em cima do jornal com os dois pés, mas não pode rasgar o jornal. Em seguida a mesma atividade pedindo que salte com um pé de cada vez. Saltar com um pé, os dois e o outro. Saltar com um e os dois juntos, os dois afastados abrindo as pernas e novamente juntos e o outro pé.

Fazer diversas variações e já estarão dançando e experienciando o ritmo (ROCHA, 2015).

B) DANÇA DAS CADEIRAS

Os alunos ficam em pé rodando e dançando em volta de uma fila de cadeiras enquanto uma música toca.

Quando a música parar, todos têm que sentar em uma cadeira. Quem não conseguir sai do jogo.

A quantidade de cadeiras tem que ser sempre um número menor do que a quantidade de pessoas (ROCHA, 2015).

Imagem 2 – Crianças na brincadeira das cadeiras.



Fonte: Portal do Professor, 2015.

C) DANÇA DA LARANJA

Formam-se os pares para a dança. Coloca-se uma laranja apoiada entre as testas dos dois integrantes de cada par. Ao começar a música, os pares devem dançar procurando ao mesmo tempo evitar que a laranja caia.

É proibido usar as mãos para manter o equilíbrio. Se a laranja cair no chão, a dupla é desclassificada. A música deve prosseguir até que só reste um par com a laranja. (ROCHA, 2009 – Portal do Professor)

Benefícios: Para as crianças, a dança pode ativar e desenvolver capacidades positivas que lhe acompanharão pelo resto da vida. A criança que dança trabalha a musculatura, fortalecendo-a, estimula a coordenação motora, flexibilidade, postura, tem maior consciência corporal, noções de espaço,

além de melhorar sua integração social. Musicalidade, ritmo e criatividade também estão entre os ganhos¹⁰ (RIBEIRO, s/ ano – Portal da Educação Física).

Imagem 3 – Crianças na brincadeira da dança da laranja.



Fonte: Portal do Professor, 2015.

D) CABEÇA, OMBRO, JOELHO E PÉ

O grupo de alunos canta as partes do corpo como indicado abaixo. Enquanto canta, coloca a mão na parte citada. Os participantes da roda vão cantando cada vez mais rápido. Não vale errar a sequência. Quem errar sai da brincadeira. (ROCHA, 2015).

¹⁰ Este benefício é válido para qualquer dança.

Imagem 4 – Crianças na brincadeira de cabeça, ombro, joelho e pé.



Fonte: Portal do professor, 2009.

Letra da música:

“Cabeça, ombro, joelho e pé

Joelho e pé

Olhos, orelha, boca e nariz

Cabeça, ombro, joelho e pé

Joelho e pé”.

Benefícios: A música Cabeça, ombro, joelho e pé é conhecida por muitos adultos e em especial pelas crianças. O corpo é o que temos de mais visível e sensível, a criança começa as descobertas pelo corpo e por isso é tão importante explorá-lo. Essa música apesar de ser simples e corriqueira, ao cantá-la a criança gesticula suas comandas despertando a brincadeira, o entusiasmo, a coordenação, a atenção, enfim, uma única música pode ter múltiplos benefícios (ROCHA, 2015).

Verifica-se que as práticas pedagógicas da Dança favorecem as relações sociais e interpessoais, seja de crianças com NEE ou não, é extremamente importante

para o desenvolvimento psico-sociológico desses indivíduos em fase de construção de sua personalidade e vivência. Sobre isso, no site Espaço Corporal está exposto que:

A criança é corpo e movimento em tudo o que faz – seu corpo é ativo no espaço que ocupa, comunica-se com os corpos ao seu redor, interage com eles. Necessita estar, ser, sentir, expressar-se. Chora, ri, grita, corre, brinca. A dança, além de mobilizar o potencial expressivo, torna a criança consciente de suas ações e atitudes corporais.

A vivência das possibilidades do corpo por meio desta linguagem contribui de inúmeras formas para o desenvolvimento saudável da criança: desenvolve habilidades psicomotoras, favorece a formação de conceitos e solução de problemas, estimula a interação social, organiza o gesto e movimentação cotidianos, desenvolve a orientação tempo-espaço, preserva e estimula o potencial criativo-imaginário. Enfim, a dança é tida como forma de manifestação artística que contribui para formação intelectual, física e sócio-emocional do ser humano (BLOG EQUIPE FÁBIO COSTA, 2015).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre Educação Especial é sempre um desafio a parte, pois esta área ainda está em expansão e, por consequência, se modifica em todos os seus pormenores a cada instante. Desde denominações como “deficiência” e “diferença” até formas de elaboração de projetos pedagógicos para sua vasta gama de partícipes, falo especialmente daqueles que necessitam de um tratamento especial para que possam, em conjunto com a sociedade, considerada, dentro das normalidades, natural, desenvolver um convívio o mais agradável possível, àquele que suas limitações lhe permitem viver. Mas o que seriam essas limitações? Será que apenas as pessoas com Necessidades Especiais (NE) visuais apresentam entraves para a convivência, digamos, saudável, em sociedade?

Percebamos que hoje o mundo está cada vez mais violento, as famílias estão perdendo suas crianças e adolescentes para o comércio intensivo das drogas; os de cargos mais altos, que deveriam olhar pela coletividade, não por caridade, mas principalmente por obrigação, já que estão nestes cargos para isso (...), não o fazem, ao contrário, estamos lhe dando com pessoas do século XXI, aquelas que parecem não ter respeito algum pelo próximo. Então, como atuar de forma coerente com o nosso pensamento de união, que poucos de nós ainda o preservamos, se a maioria dos cujos vai de encontro ao que podemos chamar família? Sim, pois, nós que formamos a sociedade em si, deveríamos ter a ideia de que somos de uma mesma raiz.

Não quero aqui fazer demagogia ou fustigar os que estão na mídia sempre pelo mesmo motivo de covardia, ou roubo, ou ainda se aproveitando do sofrimento alheio e da ignorância para conseguir uma falsa supremacia. O que quero é associar o que está acontecendo de atual ao nosso redor, que não é realmente atual, mas está acontecendo de forma demasiada nos últimos tempos, ao tortuoso trabalho com a educação de crianças e adolescentes, especificamente no Brasil, e me referindo sempre às crianças com NEE, pois até posso ter a ideia de melhora de uma prática pedagógica, mas tenho comigo que para praticá-la devo encontrar outros pesquisadores ou interessados na área que compartilhem da minha ideia. Já dizia o velho ditado: “uma andorinha só, não faz verão!”. De fato é isso que nós educadores estritamente ligados a Educação Especial sentimos quando tentamos por vezes

incansáveis, persistentes, modificar este quadro no qual se encontra o ensino para indivíduos diferentes, adotando uma denominação mais atual.

Com ou sem a participação de todos da sociedade, nós que lutamos por uma educação de qualidade e que possa verdadeiramente modificar a realidade desses alunos, sempre pensamos em como melhorar suas atuações, sobretudo, em suas vivências, pois, se não podemos começar pelo coletivo maior que possamos ao menos fazê-los enxergar que estes estudantes podem sim ser participantes atuantes, agentes, da sociedade a qual pertencem. Para tanto, começemos por reunir escola e família das crianças portadoras de NE ou não, pois, o trabalho na escola só poderá ser bem-sucedido se pais e professores trabalharem pela mesma causa, que neste caso se diz da melhoria do ensino de seus filhos e alunos. Quando essa comunicação entre escola e família acontece, é perceptível a mudança na atuação dos profissionais da educação e dos próprios estudantes, pois ambos podem cobrar de si uma melhor execução em suas ações, isso é fazer com que um visualize e conheça legitimamente as tarefas do outro; isso é partilha de informações e, conseqüentemente, conhecimento.

É pensando nesta divisão de ideias que trouxe a vocês minha compreensão sobre como poder tornar a vida social de pessoas com TGD, em específico os autistas, menos agastada. Minha proposta baseou-se no uso da Dança como prática pedagógica para incentivar essas crianças a ter uma relação social e interpessoal mais, considerada por nós, saudável. Sendo assim, este trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisas já realizadas sobre o tema, porém, devo dizer que tive muita dificuldade em encontrar propostas que se direcionassem inteiramente aos autistas, por isso, são encontradas neste, práticas dirigidas as crianças com ou sem NEE. E é neste ponto que quero fazer com que vocês leitores possam compreender que estes indivíduos devem ser considerados diferentes e não deficientes, pois considerando esta qualificação, podemos enfim perceber que todos, sem exceção, somos diferentes e que todos temos nossas deficiências, mas assim mesmo conseguimos conviver em sociedade, fazendo nossas amizades, montando nosso grupo de relacionamentos e alcançando alguns de nossos objetivos almejados.

A Dança é mais um meio pelo qual podemos nos relacionar com o próximo sem que notemos nossas próprias deficiências, pois elas podem estar lá, mas não deveriam ter uma carga tão pesada em nossas vidas. O autista é estigmatizado por

ser, quando criança, na maioria dos casos, tolo, enfezado, anti-social, individualista, birrento, briguento, triste, e afins, porém, parece-me que nunca estamos dispostos a ajudá-lo a reverter este quadro, sem, é claro, que perca sua essência, não considerem aqui que quero obrigá-lo de certa forma a se transformar para viver como nós, não. Apenas proponho que possamos facilitar sua convivência em sociedade e com sigio, para que seus medos e alienações sejam decompostos em algo considerado “normal”, no sentido de que todos temos medos e alienações da mesma forma, porém com menos veemência.

Trabalhar a Dança na educação de autistas é um desafio que pode ser superado e tornado real, só temos que ter consciência de que cada caso é um caso, e que, mesmo considerados diferentes, não podemos tratar seus casos com desleixo ou igualdade, assim como nós, eles têm suas individualidades. Percebam que a escola e a família atuantes são importantes, mas a parceria com outras áreas de atuação como a saúde, principalmente, é primordial para um melhor desempenho no desenvolvimento psico-socio-educacional destas crianças.

Podemos concluir deste trabalho que a Dança na educação de alunos autistas, ou com TGD, é importantíssima não apenas para socialização destes, mas para fazer com que as outras crianças que atuam no ensino regular possam compreender que eles sempre farão parte de sua vida em sociedade e que não existe convivência sem diferença. A dança está aí proposta para tentarmos acelerar esta aceitação, mas acredito que ela só ocorrerá de fato se a Dança for sustentada como uma disciplina que merece estar no currículo escolar e não apenas como uma carga horária extra, fazendo parte do conteúdo, por exemplo, da Educação Física.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. **Educação inclusiva no sistema regular de ensino – O caso do município do Rio de Janeiro** 2002. Disponível em: <http://www.cnotinfor.pt/inclusiva/pdf/Educacao_inclusiva_RJ>. Acesso em: 26 out. 2015.

ASSUMPÇÃO, F.B.J. **Conceito e Classificação das Síndromes Autísticas**. In: SCHWARTZMAN, J.S.; ASSUMPÇÃO, F.B.A.J. *Autismo Infantil*. São Paulo: Memnon, 1995. pp. 3 - 16.

BLOG DA ZANE. **O corpo e a música**. Disponível em: <<http://zane.costa.zip.net/>>. Acesso em: 7 dez. 2015.

BLOG EQUIPE FÁBIO COSTA. **Crianças podem fazer aula de TAEFIT!!!** Disponível em: <<http://academiafabiocosta.blogspot.com/2011/07/criancas-podem-fazer-aula-de-taefit.html>> Acesso em: 7 dez. 2015.

BLOG NOLIMITE. **Relações Interpessoais e Precoces**. Disponível em: <<http://12bnolimite.blogspot.com/2012/10/relacoes-interpessoais-e-precoces.html>> Acesso em: 7 dez. 2015.

COHN, A. **Mudanças econômicas e políticas de saúde no Brasil**. In: LAURELL, A. C. (Org.). *Estado e políticas sociais no neoliberalismo*. Tradução de R. L. Contrera. 2.ed., São Paulo: Cortez, 1997.

CORNELSEN, Sandra. **Uma criança autista e sua trajetória na incluso escolar por meio da psicomotricidade relacional**. 2007. 200f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, 2007. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/12345/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Sandra%20Cornelsen%20%28pdf%29.doc.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

CUNHA, Sandra João Oliveira Barroso Ribeiro da. **Dançaterapia como forma de promover a comunicação no autismo**. 2010. 78f. Monografia (Especialização em Educação Especial). Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2010. Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/791/5/PG-EE_2010_SandraCunha.pdf>. Acesso em: 4. jun. 2017.

FETROW, C. W.; AVILA, J. R. **Manual de medicina alternativa para o profissional**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

FIGUEIRA, Anamaria Attié. **O corpo (com) sentido na educação do autista**: em direção a uma política de inclusão. Disponível em: <<http://www.universoautista.com.br/materia/ocorpo.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

FUX, María. **Dança, experiência de vida**. Tradução de Norberto Abreu e Silva Neto. 2. ed., São Paulo: Summus, 1983.

FUX, Maria. **Dançaterapia**. Tradução de Beatriz A. Cannabrava. São Paulo: Summus, 1988.

GILLBERG, C. Autism and pervasive developmental disorders. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, 31, 99-119, 1990.

JOSÉ, E. A.; COELHO, M. T. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1993.

JUSBRASIL. **Art. 1 da Lei de Diretrizes e bases – Lei 9.394/96**. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11697144/artigo-1-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>> Acesso em: 10 mar. 2018.

KUPERSTEIN, A.; MISSALGLIA, V. (2005). **Autismo**. Disponível em: <www.autismo.com.br> Acesso em: 20 abr. 2015.

LEBOYER, Marion. **Autismo Infantil Fatos e Modelos**. Trad. Rosana Guimarães Dalgalarrodo. Campina: Papyrus, 1987.

MELLO, A. M. S. R. **Autismo Guia Prático**. São Paulo: AMA, 2000.

MEC - Ministério da Educação. **RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>> Acesso em 2017.

MONTE, F. R. F.; SANTOS, I. B. **Saberes e práticas da inclusão**. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

ORRÚ, Silvia Estér. **A formação de professores e a educação de autistas**. Fundação de Ensino Otávio Bastos, Br. 2003. OEI-Revista Iberoamericana de Educación (ISSN: 1681-5653) Disponível em: <<file:///C:/Users/Positivo/AppData/Local/Temp/391Orru.pdf>> Acesso: 10 agos. 2015.

PADILHA, Marisa do Carmo Prim. **A musicoterapia no tratamento de crianças com perturbação do espectro do autismo**. 2008. 113f. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina). Universidade da Beira Interior, 2008. Disponível em: <<https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/833>>. Acesso em: 10 out. 2017.

PORTAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA. **Benefícios da dança para crianças vão muito além do físico**. Disponível em: <<http://www.educacaofisica.com.br/fitness2/danca/beneficios-da-danca-para-criancas-vao-muito-alem-do-fisico/>>. Acesso em: 7 dez. 2015.

ROCHA, Ricardo Lucas. **Brincadeiras com Músicas**. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=14827>>. Acesso em 7 dez. 2015.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. 10. ed. Rio de Janeiro: Scipione, 1997.

SENADO FEDERAL. **Constituição Federal – Art. 205**. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_205_.asp> Acesso em: 10 mar. 2018.

SENADO FEDERAL. **Constituição Federal – Art. 208**. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_208_.asp> Acesso em: 10 mar. 2018.

SERRA, Dayse Carla Genero; Vilhena, Junia (Orientadora). Entre a esperança e o limite: um estudo sobre a inclusão de alunos com autismo em classes regulares. Rio de Janeiro, 2008. 124p. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

WIKIPÉDIA. ACA. **Análise do Comportamento Aplicada**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%A1lise_do_comportamento_aplicada>. Acesso em: 15 out. 2017.

WIKIPÉDIA. **Son-Rise**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Son-Rise>>. Acesso em: 15 out. 2017.

ANEXO

10 Coisas que toda criança com autismo gostaria que você soubesse

1. Antes de tudo eu sou uma criança.

Eu tenho autismo. Eu não sou somente "Autista". O meu autismo é só um aspecto do meu caráter. Não me define como pessoa. Você é uma pessoa com pensamentos, sentimentos e talentos. Ou você é somente gordo, magro, alto, baixo, míope? Talvez estas sejam algumas coisas que eu perceba quando conhecer você, mas isso não é necessariamente o que você é. Sendo um adulto, você tem algum controle de como se auto-define. Se quer excluir uma característica, pode se expressar de maneira diferente. Sendo criança eu ainda estou descobrindo. Nem você ou eu podemos saber do que eu sou capaz. Definir-me somente por uma característica, acaba-se correndo o risco de manter expectativas que serão pequenas para mim. E se eu sinto que você acha que não posso fazer algo, a minha resposta naturalmente será: Para que tentar?

2. A minha percepção sensorial é desordenada.

Interação sensorial pode ser o aspecto mais difícil para se compreender o autismo. Quer dizer que sentidos ordinários como audição, olfato, paladar, toque, sensações que passam despercebidas no seu dia a dia podem ser doloridas para mim. O ambiente em que eu vivo pode ser hostil para mim. Eu posso parecer distraído ou em outro planeta, mas eu só estou tentando me defender. Vou explicar o porquê uma simples ida ao mercado pode ser um inferno para mim: a minha audição pode ser muito sensível. Muitas pessoas podem estar falando ao mesmo tempo, música, anúncios, barulho da caixa registradora, celulares tocando, crianças chorando, pessoas tossindo, luzes fluorescentes. O meu cérebro não pode assimilar todas estas informações, provocando em mim uma perda de controle. O meu olfato pode ser muito sensível. O peixe que está à venda na peixaria não está fresco. A pessoa que está perto pode não ter tomado banho hoje. O bebê ao lado pode estar com uma fralda suja. O chão pode ter sido limpo com amônia. Eu não consigo separar os cheiros e começo a passar mal. Porque o meu sentido principal é o visual. Então, a visão pode

ser o primeiro sentido a ser super-estimulado. A luz fluorescente não é somente muito brilhante, ela pisca e pode fazer um barulho. O quarto parece pulsar e isso machuca os meus olhos. Esta pulsação da luz cobre tudo e distorce o que estou vendo. O espaço parece estar sempre mudando. Eu vejo um brilho na janela, são muitas coisas para que eu consiga me concentrar. O ventilador, as pessoas andando de um lado para o outro... Tudo isso afeta os meus sentidos e agora eu não sei onde o meu corpo está neste espaço.

3. Por favor, lembre de distinguir entre não poder (eu não quero fazer) e eu não posso (eu não consigo fazer)

Receber e expressar a linguagem e vocabulário pode ser muito difícil para mim. Não é que eu não escute as frases. É que eu não te compreendo. Quando você me chama do outro lado do quarto, isto é o que eu escuto "BBBFFFZZZZSWERSRTDSRDTYFDYT João". Ao invés disso, venha falar comigo diretamente com um vocabulário simples: "João, por favor, coloque o seu livro na estante. Está na hora de almoçar". Isso me diz o que você quer que eu faça e o que vai acontecer depois. Assim é mais fácil para compreender.

4. Eu sou um "pensador concreto" (*concrete thinker*).

O meu pensamento é concreto, não consigo fazer abstrações. Eu interpreto muito pouco o sentido oculto das palavras. É muito confuso para mim quando você diz "não enche o saco", quando o que você quer dizer é "não me aborreça". Não diga que "isso é moleza, é mamão com açúcar" quando não há nenhum mamão com açúcar por perto e o que você quer dizer é que isso é algo fácil de fazer. Gírias, piadas, duplas intenções, paráfrases, indiretas, sarcasmo eu não compreendo.

5. Por favor, tenha paciência com o meu vocabulário limitado.

Dizer o que eu preciso é muito difícil para mim, quando não sei as palavras para descrever o que sinto. Posso estar com fome, frustrado, com medo e confuso, mas agora estas palavras estão além da minha capacidade, do que eu possa expressar. Por isso, preste atenção na linguagem do meu corpo (retração, agitação

ou outros sinais de que algo está errado). Por outro lado, posso parecer como um pequeno professor ou um artista de cinema dizendo palavras acima da minha capacidade na minha idade. Na verdade, são palavras que eu memorizei do mundo ao meu redor para compensar a minha deficiência na linguagem. Por que eu sei exatamente o que é esperado de mim como resposta quando alguém fala comigo. As palavras difíceis que de vez em quando falo podem vir de livros, TV, ou até mesmo serem palavras de outras pessoas. Isto é chamado de ECOLALIA. Não preciso compreender o contexto das palavras que estou usando. Eu só sei que devo dizer alguma coisa.

6. Eu sou muito orientado visualmente porque a linguagem é muito difícil para mim.

Por favor, me mostre como fazer alguma coisa ao invés de simplesmente me dizer. E, por favor, esteja preparado para me mostrar muitas vezes. Repetições consistentes me ajudam a aprender. Um esquema visual me ajuda durante o dia-a-dia. Alivia-me do stress de ter que lembrar o que vai acontecer. Ajuda-me a ter uma transição mais fácil entre uma atividade e outra. Ajuda-me a controlar o tempo, as minhas atividades e alcançar as suas expectativas. Eu não vou perder a necessidade de ter um esquema visual por estar crescendo. Mas o meu nível de representação pode mudar. Antes que eu possa ler, preciso de um esquema visual com fotografias ou desenhos simples. Com o meu crescimento, uma combinação de palavras e fotos pode ajudar mais tarde a conhecer as palavras.

7. Por favor, preste atenção e diga o que eu posso fazer ao invés de só dizer o que eu não posso fazer.

Como qualquer outro ser humano não posso aprender em um ambiente onde sempre me sinta inútil, que há algo errado comigo e que preciso de "CONSERTO". Para que tentar fazer alguma coisa nova quando sei que vou ser criticado? Construtivamente ou não é uma coisa que vou evitar. Procure o meu potencial e você vai encontrar muitos! Terei mais que uma maneira para fazer as coisas.

8. Por favor, me ajude com interações sociais.

Parece que não quero brincar com as outras crianças no parque, mas algumas vezes simplesmente não sei como começar uma conversa ou entrar na brincadeira. Se você pode encorajar outras crianças a me convidarem a jogar futebol ou brincar com carrinhos, talvez eu fique muito feliz por ser incluído. Eu sou melhor em brincadeiras que tenham atividades com estrutura começo-meio-fim. Não sei como "LER" expressão facial, linguagem corporal ou emoções de outras pessoas. Agradeço se você me ensinar como devo responder socialmente. Exemplo: Se eu rir quando Sandra cair do escorregador não é que eu ache engraçado. É que eu não sei como agir socialmente. Ensine-me a dizer: "você esta bem?".

9. Tente encontrar o que provoca a minha perda de controle.

Perda de controle, "chilique", birra, mal-criação, escândalo, como você quiser chamar, eles são mais horríveis para mim do que para você. Eles acontecem porque um ou mais dos meus sentidos foi estimulado ao extremo. Se você conseguir descobrir o que causa a minha perda de controle, isso poderá ser prevenido - ou até evitado. Mantenha um diário de horas, lugares pessoas e atividades. Você encontrar uma seqüência pode parecer difícil no começo, mas, com certeza, vai conseguir. Tente lembrar que todo comportamento é uma forma de comunicação. Isso dirá a você o que as minhas palavras não podem dizer: como eu sinto o meu ambiente e o que está acontecendo dentro dele.

10. Se você é um membro da família me ame sem nenhuma condição.

Elimine pensamentos como "Se ele pelo menos pudesse." ou "Porque ele não pode." Você não conseguiu atender a todas as expectativas que os seus pais tinham para você e você não gostaria de ser sempre lembrado disso. Eu não escolhi ser autista. Mas lembre-se que isto está acontecendo comigo e não com você. Sem a sua ajuda a minha chance de alcançar uma vida adulta digna será pequena. Com o seu suporte e guia, a possibilidade é maior do que você pensa. Eu prometo: EU VALHO A PENA. E, finalmente três palavras mágicas: Paciência, Paciência, Paciência. Ajuda a ver o meu autismo como uma habilidade diferente e não uma desabilidade. Olhe por cima do que você acha que seja uma limitação e veja o presente que o autismo me deu. Talvez seja verdade que eu não seja bom no contato olho no olho e conversas,

mas você notou que eu não minto, roubo em jogos, fofoco com as colegas de classe ou julgo outras pessoas? É verdade que eu não vou ser um Ronaldinho "Fenômeno" do futebol. Mas, com a minha capacidade de prestar atenção e de concentração no que me interessa, eu posso ser o próximo Einstein, Mozart ou Van Gogh. Eles também tinham autismo, uma possível resposta para Alzaheim o enigma da vida extraterrestre - O que o futuro tem guardado para crianças autistas como eu, está no próprio futuro. Tudo que eu posso ser não vai acontecer sem você sendo a minha base.

**Pense sobre estas "regras" sociais e se elas não fazem sentido para mim, deixe de lado. Seja o meu protetor seja o meu amigo e nós vamos ver ate onde eu posso ir.
CONTO COM VOCÊ!**

Fonte: Autimismo | Ellen Nottohm, tradução livre Andréa Simon
Texto adaptado para divulgação no site do Instituto Indianópolis.